

A CINTILÂNCIA DOS ESCUROS*

Cleide Maria de Oliveira**

Só o obscuro nos cintila.

(Represente que o homem é um poço escuro.

Aqui de cima não se vê nada.

Mas quando se chega ao fundo do poço já se pode ver
o nada.)

Manoel de Barros¹

Resumo

O artigo buscou perceber na poética de Manoel de Barros os motivos *obscuridade*, *ignorância* e *desutilidade*, freqüentes em sua obra, que parecem ser marcas de um esforço para pensar o que nos excede enquanto projeto e discurso, e de desejar “atingir a pureza de não se saber mais nada” (BARROS, 2003, p.29). A análise de fragmentos selecionados de sua poesia busca aproximá-lo de uma tradição místico-apofática onde a negatividade (expressa nas metáforas da escuridão, do vazio e do deserto freqüentes nos discursos místicos) é tomada como intrínseca ao exercício reflexivo sobre os fundamentos de nossa realidade.

Palavras-chave: Manuel de Barros,

1. Ambos trechos são do *Livro sobre nada*, cujo título já nos remete a uma noção de ascese bem típica dos discursos apofáticos (BARROS, 2004, p. 15 e p. 63 respectivamente).

Teo
Lite
rária

Arquivo recebido em
10 de junho de 2011
e aprovado em
10 de outubro de 2011

V. 1 - N. 2 -
2º Semestre de 2011

*O artigo integra minha tese de doutoramento de título “*Por um Deus que seja noite, abismo e deserto: considerações sobre a linguagem apofática*”, defendida na PUC-Rio em 2010.

**Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

obscuridade, poesia negativa, mística

Abstract

The paper aims to present in poetry of Manoel de Barros the obscurity motives, ignorance [sic] and disutility, frequent in his work on that appears an effort to think what exceed us as a project and speech, and wish “to achieve the purity of do not know anything more”. The analysis of selected fragments of his poetry seeks to approach the mystical and apophatic tradition where negativity (expressed in the metaphors of darkness, the emptiness of the desert and in frequent mystic speeches) is taken as intrinsic to the reflective exercise on the foundations of our reality

Keywords: Manuel de Barros, obscurity, negative poetry, mystic

Nosso tempo, não unanimemente denominado pós-moderno, desenvolveu uma curiosa relação com o sagrado: o “reflorescimento” do sentimento religioso, que atualmente causa tanto espanto e divide opiniões², convive com um grande incremento do desenvolvimento tecnológico e científico que traz para o cotidiano do homem comum e leigo conceitos e explicações da ciência de vanguarda, e apenas como um exemplo, entre tantos, temos as noções de células-tronco ou de clonagem de embrião que se incorporam ao imaginário popular. Há, nos parece, uma cientifização do saber que provoca efeitos interessantes, como a convocação de especialistas para se apresentarem na grande mídia pronunciando-se sobre os assuntos mais banais, com explicações sofisticadas para problemas de senso-comum. Sobre as implicações do predomínio da técnica na cultura e no imaginário contemporâneo são interessantes os posiciona-

2. Enquanto alguns estudiosos falam de uma espécie de re-encantamento do mundo tomando como principal medida o atual e espantoso crescimento de seitas e religiões esotéricas aliado ao endurecimento dos fundamentalismos, outros irão entender que na verdade o sagrado “nunca foi embora”, apenas teria encontrado outras formas de expressão menos dependente de instituições e hierarquias. Sobre o tema ver: (DERRIDA, 2000; MARDONES, 1990; CAPDÉQUI, 1998).

mentos de Vilém Flusser³, que parte da constatação de que nosso tempo já não disponibiliza espaço para o inesperado e impensável (para o evento não assimilável pelo discurso científico) e a partir daí elabora o louvor da literatura como lugar de recuperação do espanto. Ele nos propõe uma parábola: na hipotética situação de que uma torneira, em vez de jorrar água fresca e limpa, jorre as notícias dos últimos acontecimentos mundiais, esse evento inesperado em princípio causaria surpresa mas, após o primeiro impacto, o típico homem contemporâneo investiria toda sua força interpretativa para formular hipóteses que explicassem o acontecimento, domesticando-o. Há portanto uma moderna confiança na coincidência entre o pensamento lógico e a realidade que nos cerca, confiança tão firmemente fundamentada que Flusser a chama fé e que, como toda fé: “Não pode ser acreditada. Nossa vivência do mundo a desmente a todo passo. No entanto, nossa fé aceita essa coincidência como fato indubitável. É autêntica, porque crê *quia absurdum*” (FLUSSER, 2002, p. 33).

É como se a lógica própria ao pensamento científico tivesse tomado todas as esferas de nossa existência, sem deixar lugar para outros produ-

3. Filósofo theco que viveu no Brasil entre os anos de 1939 a 1973 que possui interessantes reflexões sobre a relação entre a literatura, o nosso sentimento de realidade e a religiosidade. Para ele religiosidade e realidade são experiências humanas intrinsecamente relacionadas, de onde “senso de realidade” pode ser traduzido, em certo sentido, como sinônimo de religiosidade. Afinal, realidade é aquilo em (pelo) que se vive e se morre: “Real é aquilo no qual acreditamos. Durante a época pré-cristã o real era a natureza, e as religiões pré-cristãs acreditavam nas forças da natureza que divinizavam. Durante a Idade Média o real era o transcendente, que é o Deus do cristianismo. Mas a partir do século XV o real se problematiza. A natureza é duvidada, e perde-se a fé no transcendente. Com efeito, nossa situação é caracterizada pela sensação do irreal e pela procura de um senso novo de realidade. Portanto, por uma procura de uma nova religiosidade” (FLUSSER, 2002, p. 9). Não há para Flusser sociedades ou épocas totalmente isentas de religiosidade, posto que esta é uma dimensão do humano. As pessoas a-religiosas habitam universos completamente transparentes (ou acreditam que), ainda que de realidade duvidosa, fragmentada. O sentimento místico, religioso, faz cair sobre a transparência do real um véu que (des)vela sua claridade, inquietando e problematizando o universo e as coisas, agora devolvidas a si mesmo, inteiras, inatingíveis e cosmogonizadas. A ficção, na medida em que é um redimensionamento daquela que chamamos realidade factual, é *locus* privilegiado para recuperar certa opacidade do real e certo sentimento de espanto/maravilhamento que Flusser irá entender como núcleo elementar da religiosidade.

tores de inteligibilidade, como o mito, a religião e a arte. Como bem denunciou Heidegger, nos encontramos no mundo mas não experimentamos o mundo em sua estranheza e fugacidade: a cada dia somos levados a nos relacionar com as coisas a partir de sua instrumentalidade, e de tal modo isso é intenso que rejeitamos seu vir-a-ser enquanto não-eu e não-objeto de conhecimento. Para o pensamento heideggeriano, sendo o poeta aquele que está *exposto ao relâmpago dos deuses*, é a ele quem cabe guardar nas palavras o espanto do mundo, acolhendo o inesperado e guardando-nos juntamente da ilusão de sermos soberanos à linguagem. Assim, “Em tudo o que aparece e se mostra familiar, *o poeta faz apelo ao estranho* enquanto aquilo a que se destina, o que é desconhecido de maneira a continuar sendo o que é — desconhecido” (HEIDEGGER, 2001, p. 177).

Nessa linha de reflexão tão própria do pensamento heideggeriano, antes e depois do pensador alemão, muitos poetas se empenham em “escurecer as relações entre os termos em vez de aclará-los” (BARROS, 2003, p. 63), por entenderem que, com frequência, é só o “obscuro que nos cintila” (BARROS, 2001). Contemporâneo a nós, o poeta Manoel de Barros nos diz coisas muito interessantes sobre o papel da poesia e do poeta nesses tempos em que as coisas se multiplicam e nos ameaçam sufocar com sua pretensa essencialidade. Sua poética nos atrai porque põe em cena reflexões sobre as relações entre poesia e pensamento na constituição do tecido do real, desde que na mesma encontremos o esforço para a construção de um olhar-linguagem que não seja aquele da razoabilidade do senso-comum e nem, por outro lado, aquele pertinente à ciência.

Manoel de Barros propõe um elogio do inútil que tem como pressuposto o irrecusável mistério do mundo e sua irredutibilidade a esquemas de pensamento (e consumo) que, por mais convenientes que nos sejam, são mantos apertados que nos impedem de ver a cintilância dos escuros. Um de seus pequenos poemas sintetiza essa tomada de posição da poesia

em relação à realidade dada pelo senso comum:

*As coisas não querem mais ser vistas por
pessoas razoáveis:
Elas desejam ser olhadas de azul –
Que nem uma criança que você olha de ave. (BARROS, 1993, 04)*

As coisas, que sempre permaneceram objeto pacífico para o discurso da razoabilidade/produzibilidade, assumem nesse poema posição de sujeito: elas desejam, e desejam um olhar que não seja o da razoabilidade, esse olhar-linguagem que poderíamos definir como aquele que estende sobre o mundo direitos exclusivos de posse baseados na autoridade irrecusável da racionalidade. As coisas protestam contra esse olhar lógico-conceitual que pretende esgotá-las em formulações apaziguantes que nos dão a ilusão de sermos senhores da realidade a nossa volta. “Olhar de azul” é metáfora da tentativa de subversão de uma ontologia e uma linguagem humanista, e da criação de uma terceira margem - da qual o conto de Guimarães Rosa *A terceira margem do rio* nos dá a imagem perfeita - no rio-realidade que estamos a navegar. Para cantar as virtudes do inútil, ou das inutilidades, como prefere dizer, o poeta mato-grossense empreende tanto a desinvenção dos objetos, devolvendo-lhes a inutilidade perdida, quanto um alargamento dos limites do ser humano para que ele se torne coisa⁴, como fica claro nos dois poemas abaixo lidos em conjunto:

*II
Desinventar objetos. O pente, por exemplo.
Dar ao pente funções de não pentear. Até que
ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha.*

Usar as palavras que ainda não tenham idioma (BARROS, 1993, p. 02).

4. Parte do poema II (BARROS, 1993). Veja-se abaixo outro exemplo:

Uma rã me pedra. (A rã me corrompeu para pedra.
Retirou meus limites de ser humano
e me ampliou para coisa. A rã se tornou
o sujeito pessoal da frase e me largou no
chão a criar musgos para tapete de insetos e de frades.)

E também:

VI
 No que o homem se torne coisa – corrompem-se nele
 Os veios comuns do entendimento.
 Um subtexto se aloja.
 Instala-se uma agramaticalidade quase insana, que
 empoeira os sentidos das palavras.
 Aflora uma linguagem de defloramentos, um
 Inauguramento de falas.
 Coisa tão velha como andar a pé.
 Esses vareios do dizer (BARROS, 2003, p. 62).

A *desinvenção* de que nos fala o poeta é um exercício de liberação que pode ser aproximado dos conceitos de desprendimento (*abegescheidenheit*) e abandono-serenidade (*Gelassenheit*) presentes na mística de Meister Eckhart⁵. É preciso, diz o poeta, *ficar à disposição de ser um outro e tornar-se estrangeiro a nossas próprias demarcações ontológicas*: e é desse modo que um peixe pode se tornar uma flor (uma begônia) e um homem-humano pode se tornar *pré-coisa*, e tão “provedor de poesia como as aves e os lírios do campo” (BARROS, 2005, p.51). É interessante notar que Manoel de Barros relaciona esse projeto de abandono de si a um certo tipo de linguagem, ou de uso da mesma: no primeiro poema ele menciona a necessidade de “Usar as palavras que *ainda não* tenham idioma”, ou seja, palavras que sejam, elas também, estrangeiras, órfãs de uma língua materna, palavras ‘originais’; no poema seguinte há menção a uma *linguagem de defloramentos* que instaura um *inauguramento de falas*, o que também aponta para uma linguagem *virgem de nós* e de nossos produtos (cultura, arte, tecnologia, etc)⁶.

A busca de uma *linguagem de defloramentos* é a inicial aproximação

5. Sobre os conceitos de desprendimento e abandono-serenidade na mística de Eckhart recomendo os artigos de Borges (2002; 2009) e PONDÉ (2004) e também a dissertação de SOUZA (2010).

6. Todas as citações são do mesmo poema *O provedor* (BARROS, 2005).

que fazemos entre essa poesia e os discursos apofáticos⁷. Uma *linguagem de defloramentos* fala de princípios originários e de ritos que inauguram o mágico e espantoso como consequência: a) do assumir do humano de sua coisalidade; b) do corromper-se dos mecanismos de inteligibilidade ordinários; c) da instalação de uma agramaticalidade na discursividade produtiva que leva ao empoemamento as palavras e, o que parece ser tomado como sinônimo por Manoel de Barros, d) ao enlouquecimento dessas mesmas palavras⁸. Mas, o que nos pode parecer uma verdadeira revolução dos modos de funcionamento da linguagem e do pensamento é tido pelo poeta como “coisa tão velha como andar a pé”, ou seja, não se trata aqui de um ganho cognitivo, ou uma espécie de promoção dos modos comuns de entender linguagem-pensamento, mas sim de um desaprendizado, difícil porque exige a arte de desumanização⁹: é preciso, antes de tudo, coisificar-se, abandonar-se enquanto sujeito que detém a posse de si mesmo e do outro (via discurso), tornar-se um *vivente do ermo* e um *cultivador dos nadifúndios* (BARROS, 2003, p. 14), enfim, é preciso deixar que as coisas nos *ampliem para menos...* (BARROS, 1993, p. 18).

Nessa poesia são diversas as referências a essas figuras de exceção

7. Grosso modo, poderia se definir a apofática como um método de kathársis (purificação) do discurso e da inteligência com fins de se alcançar aquilo que Pseudo-Dionísio (século V a.C) chamou de Causa universal, ou treva superluminosa. “Em oposição à teologia positiva (καταφαντική), que determina os atributos essenciais de Deus de forma afirmativa, baseando-se na analogia entis, a teologia negativa, também chamada de apofática (αποφαντική), sustenta que a natureza de Deus, por sua absoluta transcendência e infinitude, não pode de modo algum ser definida com algum predicado ou mesmo ser circunscrita nos parâmetros de uma lógica do ser. Assim, negando de Deus tudo o que ele não é e nem pode ser, elimina qualquer possibilidade de se comprometer logicamente sua absoluta perfeição. Por este caráter, a teologia negativa é comumente associada à mística e seu discurso apofático, melhor meio para a expressão da experiência mística” (CARVALHO, 2006, p. 117).

8. “Poeta é um ente que lambe as palavras e depois as alucina/ No osso da fala dos loucos há lírios”. (BARROS, 2003, p. 39).

9. Não é nosso interesse, dado os limites do artigo, desenvolver uma comparação entre diferentes autores, entretanto, quando se fala, no campo da ficção literária, em um desaprendizado que é também ascese mística é irrecusável a lembrança do romance *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector, onde a protagonista G.H vive um lento processo de despersonalização e desumanização que tem por fim uma espécie de iluminação mística.

(que incluem o *andarilho*, os *viventes do ermo*, o *idiota de estrada*, o *songo*, o *traste pessoal à-toa*, etc), veja-se o trecho do poema abaixo:

*Eles enverdam jia nas auroras.
São viventes de ermo. Sujeitos
Que magnificam moscas - e que oram
Devante uma procissão de formigas...
São vezeiros de brenhas e gravanhas.
São donos de nadifúndios.
(Nadifúndio é lugar em que nadas
Lugar em que osso de ovo
E em que latas com vermes emprenhados na boca.
Porém.
O nada destes nadifúndios não alude ao infinito menor
de ninguém.
Nem ao Néant de Sartre.
E nem mesmo ao que dizem os dicionários:
coisa que não existe.
O nada destes nadifúndios existe e se escreve com letra minúscula.)
Se trata de um tratal.
Aqui pardais descascam larvas.
Vê-se um relógio com o tempo enferrujado dentro.
E uma concha com olho de osso que chora.
Aqui, o luar desova...
Insetos umedecem couros
E sapos batem palmas compridas...
Aqui, as palavras se esgarçam de lodo. (BARROS, 2003, p. 14-15)*

Trabalhando “arduamente para fazer o que é desnecessário” (BARROS, 2004, p. 41) para se “atingir a escuridão com clareza” (BARROS, 1991, p.10), Manoel de Barros se aproxima dos discursos apofáticos na exata medida em que busca uma “palavra incapaz de ocupar o lugar de uma imagem” (BARROS, 1998, Poema XVI), palavra que “sirva em boca de passarinhos (2004, p. 70)” e seja tão repleta de abandono que “só mostrasse a cintilância dos escuros” (BARROS, 1998, poema XVI). Porque, como bem atentou Alberto Pucheu, a poesia de Manoel de Barros empreende um esforço de pensamento que busca a *origem* das coisas e do mundo, aproximando-se dos pensadores originários (ou pré-socráticos), poetas-pensadores que se interrogam sobre o “que” e o “quem” de todas

as coisas existentes. Na análise de Pucheu, a linguagem é tomada pelo poeta mato-grossense como “o espaço do obscuro, da mudez que se inventa e que, apenas em se desdobrando, torna-se exprimível” (PUCHEU, 2001). Já Azevedo (2007) compreende a poesia de Manoel de Barros como uma reflexão filosófica que se empenha na busca do originário a partir da subversão da linguagem produtiva, com o claro intuito de “descoisificar” o real. Para a autora a estratégia usada pelo poeta é a da negatividade, ou seja, ele usa diversos mecanismos que desestabilizam as expectativas de uma linguagem que seja “comunicação” e “conhecimento” em prol de aquilo que a autora chama de “uma poesia do ‘des’”:

A “desutilidade”, o “dessaber”, o “desúteis” são uma frequente na obra de Manoel de Barros. (...) Ou seja, é instaurada, na obra do escritor, uma certa poesia do “des”. Mas, o que seria isto? A poesia do “des” em Manoel de Barros é a poesia da negação, da desconstrução incessante e radical, é a poesia do sempre inatingível e, portanto, obscuro (2007, p. 02).

Ao lado do elogio às inutilidades, e da criação imagética dessas figuras de exceção que mencionamos anteriormente, a negatividade de que nos fala Azevedo se faz presente na poética de Manoel de Barros pela recorrente referência aos elementos *nada*, *escuro* e *ignorância* (com grafia arcaica) ou *desconhecimento*, *etc.* Vejam-se abaixo alguns exemplos dessas recorrências:

Perder o nada é um empobrecimento.

Só conheço as ciências que analfabetam.

Tudo é noite no meu canto./ Tinha a voz encostada no escuro.

É só o obscuro que nos cintila.

Só sei o nada aumentando.

Ocupo muito de mim com o meu desconhecer.

Todas as coisas apropriadas ao abandono me religam a Deus.

Senhor, eu tenho orgulho do imprestável!

(O abandono me protege)¹⁰.

Pôr-se na condição de estar apropriado ao abandono é o primeiro e maior passo para o percurso místico, afirmação que se confirma na leitura de místicos tão distintos quanto um *Meister Eckhart*, um *San Juan de la Cruz* ou *Angelus Silesius*. Para alcançar tal abandono, esses místicos nos ensinaram, há que se cultivar uma ascese rigorosa que implicará no desprendimento do mundo e suas representações, do sujeito e sua vontade, e, finalmente, do próprio Deus enquanto Deus-percebido. Estar apropriado ao abandono é, transcender-se enquanto instância desejante e transcender ao próprio Deus como objeto de desejo. Para o poeta mato-grossense, é necessário aprender a *transver* o mundo¹¹ por meio de um brincar com as palavras que encontre na *exuberância do ínfimo* os bens da poesia que ali estão sempre prontos a nos ensinar o abandono e as *sabedorias vegetal e mineral*¹², sabedorias que nos remetem novamente à ideia de um pensar que não se pretenda isento de corporalidade ou de *pathos*, um pensar que se constitua a partir de um *dentro* do mundo, sem pressupor ou exigir uma

10. Trechos dos seguintes livros de Manuel de Barros, já citados: **Livro sobre o nada**, p. 63, p. 85; **Livro das ignoranças**, p. 43, p. 29; **Livro sobre o nada**, p. 57.

11. No poema “As lições de R.Q” (2004) Manuel de Barros diz:

(...)

O olho vê, a lembrança revê, a imaginação transvê.

É preciso transver o mundo.

Isto seja:

Deus deu a forma. Os artistas desformam.

É preciso desformar o mundo:

Tirar da natureza suas naturalidades.

Fazer cavalo verde, por exemplo.

Fazer noiva camponesa voar – como em Chagall. (..)

12. (Sabedoria vegetal é receber com naturalidade uma rã no talo.)

E quando esteja apropriado para pedra, terei também sabedoria mineral. (2004, p. 51)

isenção impossível. Sabedorias que também podemos aproximar desse exercício de pensamento que Alberto Caieiro - um dos heterônimos de Fernando Pessoa - tão bem definiu como um desaprendizado que culmina em um modo de olhar o mundo “vendo-o” como insignificante e resistente a toda conceituação, ou seja, extra-ordinário e espantoso. Um pensar-sentir no qual as prerrogativas da soberania da racionalidade sejam retiradas do humano¹³.

Esse abandono nos protegerá, anuncia o poeta, mas protegerá de quê?, poderíamos perguntar. Da utilidade, a obra do poeta parece nos responder. Essas figuras de negatividade – o nada, o obscuro, *ignorãça*, o desconhecimento, o trastal, os seres de exceção, as coisas sem importância ou relegadas ao lixo.... – são pedagogos que nos tomam pela mão e nos mostram as virtudes do inútil, ensinam-nos que “perder o nada é um empobrecimento” na medida em que o nada é ausência de determinações e de desejo, mas também fundo abissal de onde brota todo vir-a-ser, espaço desértico onde a única presença franqueada é a do poeta ou do adorador, e mesmo a eles é dada a ordem peremptória: “Tire suas sandálias pois esse chão é sagrado”.

Manoel de Barros toma a poesia como uma fala a partir da qual irá buscar as origens da linguagem e do humano em um *locus* que é ele mesmo inominado e insignificante, aproximando-se desta forma dos discursos apofáticos *strictu sensu* desde que nesses últimos, “Deus é o nome o nome desse desmoronamento sem fundo, dessa desertificação sem fim da linguagem” (DERRIDA, 1995, p. 37). O nome de Deus, ou o chamamento desse a quem o Nome falta, é o som inaugural que precisa ser conduzido

13. Diz-nos o poeta português (Poemas inconjuntos, 2005, p. 135):

Para mim, graças a ter olhos só para ver,
Eu vejo ausência de significação em todas as cousas;
Vejo-o e amo-me, porque ser uma cousa é não significar nada.
Ser uma cousa é não ser susceptível de interpretação.

de novo e a cada momento à fala do poeta, como uma lembrança desse silêncio irreduzível que subsiste em sua palavra:

*Nos resíduos das primeiras falas eu cisco
meus versos
A partir do inominado
E do insignificante
É que eu canto.
O som inaugural é tatibitati e vento (1990, p. 214).*

Manoel de Barros “desentende” e “desexplica” as coisas por meio de uma linguagem que anuncia *as virtudes do inútil* como tentativa de resguardar o espanto do mundo, descoisificando-o. De forma semelhante ao poeta Alberto Caieiro, Manoel de Barros propõe um reino em que reine apenas a despálavra, e com ela se dê uma profunda confusão de substâncias entre humano e não-humano (animais, vegetais e “coisas”), ou seja, uma harmoniosa co-existência entre tudo aquilo que é (com a *physis*):

Despálavra

*Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da
despálavra.
Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades humanas.
Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades de pássaros.
Daqui vem que todas as pedras podem ter qualidades de sapo.
Daqui vem que todos os poetas podem ter qualidades de árvore.
Daqui vem que todos os poetas podem arborizar os pássaros.
Daqui vem que os poetas podem humanizar as águas.
Daqui vem que os poetas devem aumentar o mundo com suas
metáforas.
Que os poetas podem ser pré-coisas, pré-vermes, podem ser pré-
musgos.
Daqui vem que os poetas podem compreender o mundo sem con-
ceitos.
Que os poetas podem refazer o mundo por imagens, por eflúvios,
por afeto (BARROS, 2005, p. 23).*

Um reino em que as coisas possam ter qualidades humanas e que, como complemento necessário, os poetas possam tornar-se pré-coisas, pré-vermes e pré-musgos. Nesse reino utópico a coisificação do homem é correlativa à humanização das águas e à hibridação ontológica entre pássaros, pedras, sapos, poetas e árvores. Compreender o mundo sem con-

ceitos, re-criando-o por imagens e por afeto, essa é a utopia que Manoel de Barros delega à poesia a missão de instaurar.

A poesia de Manoel de Barros nos desafia a refletir sobre as relações entre poesia e pensamento enquanto elementos diretamente relacionados ao tecer do real. A especificidade dessa poética está em que esse é um pensamento que se gesta na *cintilância dos escuros*, como dirá o poeta mato-grossense, e se aproxima da mística - em especial daquela denominada apofática - desde que nela (na mística) a negatividade (ou o vazio) é tomada como intrínseca ao exercício reflexivo sobre os fundamentos de nossa realidade. Assim, o artigo buscou perceber na poética de Manoel de Barros a articulação de um modo de pensar marcado pela negatividade, pensamento que é caracterizado na tradição mística como não-saber, daí as aproximações entre esse exercício poético e o discurso místico. A defesa de tal pensamento – que pensa **no** e **o** obscuro – se faz como estratégia de resguardar, não apenas nos sítios da fé e do dogma, uma espacialidade cognoscente isenta e descomprometida com a produção de ‘tecnologias’, ‘verdades’, ‘conceitos’, ‘valores’ ou ‘saberes’ produtivos, concedendo-nos – a nós frágeis estruturas de carne, sangue e temporalidade – o direito de pensar o que nos excede.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Cristiane Sampaio de. A “desutilidade poética” de Manoel de Barros: questão e poesia ou filosofia? Revista.doc, ano VIII, nº 3, jan/Jun 2007. Disponível em: http://www.revistapontodoc.com/3_cristianesa.pdf. Acessado em 20.01.2010.

BARROS, Manoel. O livro das ignoranças. Rio de Janeiro: Record, 1993.

_____. Uma didática da invenção. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

_____. Gramática expositiva do chão. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. Matéria de poesia. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. O guardador de águas. Rio de Janeiro: Record, 2003.

- _____. Livro sobre nada. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- _____. Ensaios fotográficos. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- _____. Retrato do artista enquanto coisa. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- _____. Concerto a céu aberto para solos de ave. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- _____. Gramática expositiva do chão (poesia quase toda). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.
- BORGES, Paulo. Ser ateu graças a Deus ou como ser pobre é não haver menos que o infinito. A-teísmo, a-teologia e an-arquia mística no sermão “Beati pauperis spiritu....” de Mestre Eckarth. Signum . São Paulo. Nº 4, 2002.
- BORGES, Paulo. Transcender Deus: de Eckhart a Silesius. Philosophica, 34 Lisboa: Edições Colibri, 2009, 34.
- CAPDÉQUI, Celso Sanchez. Las formas de la religión en la sociedad moderna. 1998 Disponível em: <http://www.bib.uab.es/pub/papers/02102862n54p169.pdf>. Acesso em 10.04.04.
- CARVALHO, Vinicius Mariano. Fora da poesia não há salvação: uma hermenêutica literária da poesia de Mario Quintana à luz da via negativa. Tese de Doutorado. Universität Passau, Philosophische Fakultät, 2006. Disponível em: <http://deposit.ddb.de/cgi-bin/dokserv?idn=980370698> . Acesso em 18/07/2008.
- DERRIDA, Jacques. Salvo o nome. Campinas: Papirus, 1995.
- DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianini (orgs). A religião. O seminário de Capri. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- FLUSSER, Vilém. Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade. São Paulo: Escrituras, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. Ensaios e conferências. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MARDONES, José Maria. Nueva espiritualidad: sociedad moderna e cristianismo. Cuadernos de Fé e Cultura. México: Universidad Iberoamericana, 1999.
- PESSOA, Fernando. Poesia completa de Alberto Caieiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- PONDÉ, Luis Filipe. Nomen innominabile: a mística de Meister Eckhart. In: TEIXEIRA, Faustino. No limiar do mistério. Mística e religião. São Paulo: Paulinas, 2004, pp. 137-173.
- PUCHEU, Alberto. Do esbarro entre poesia e pensamento: uma aproximação à poética de Manoel de Barros. Revista de Filosofia Sofia, vol

8. Linguagem e Literatura. Ano VII, 2001/2, p. 7-36. Disponível em: http://www.albertopucheu.com.br/pdf/ensaios/esbarro_poesia.pdf. Acesso em 20.01.2010

SOUZA, Adriana Andrade de. Sobre o não-saber ou a experiência da liberdade em Mestre Eckhart. Dissertação. Juiz de Fora: UFJF, 2007, p. 14-15.